

A NARRATIVA: DESGASTE x PERMANÊNCIA

Miriam Ribeiro Dias¹

Parece distante ao indivíduo contemporâneo o tempo em que as horas eram preenchidas pela reunião de grupos interessados em contar histórias. Já constatando o desgaste desta prática tão antiga, Walter Benjamin, a partir de uma análise da obra de Nikolai Leskov, abordou, em seu texto: *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (BENJAMIN, 1994, p.97a221), uma série de questões que apontam para a sua compreensão sobre a natureza e a função do verdadeiro narrador e o desgaste deste ao longo dos tempos.

No texto, o filósofo mostra que a arte de narrar estaria em declínio, diante da atual incapacidade humana de exprimir, ou melhor, de intercambiar experiências e de ouvir os conselhos que o narrador, como típico detentor da sabedoria, teria a transmitir. Assim, uma suposta morte do narrador é, ora aproximada, ora distanciada das múltiplas e novas formas produtivas de contar algo.

Benjamin identifica as melhores narrativas escritas com as narrativas orais (p.198), o que nos leva a perceber que a imagem que ele tem do narrador é a do cidadão que conta histórias nascidas da própria experiência ou da experiência de outras pessoas. O narrador, como um artífice que entrelaça a sua experiência refletida e cultivada junto as vivências dos outros, necessita de interação e convívio. A partir dessas características o texto estabelece um confronto entre o objeto do romance, “o sentido de uma vida”(p.212), e o objeto da narrativa, “a moral da história”(p.212), mostrando-nos que, enquanto o narrador busca a pluralidade de experiências, o romancista centra-se no individual, ao descrever apenas uma vida e as experiências dessa única vida. Assim, por não necessitar da troca de relatos nem da incorporação de experiências oriundas de um grupo, o romancista tende a se isolar. Benjamin aponta o advento da imprensa, e mais especificamente, o advento do livro, como fortes colaboradores para o desenvolvimento do romance e do isolamento.

No passado, a apreensão da experiência ocorria a partir de duas maneiras distintas: a do narrador sedentário que era o reservatório do saber vindo de longe. “Longe espacial: terras distantes ou longe temporal: tradição”(p.202), e a do viajante que trazia como bagagem ‘coisas’ vistas, ouvidas e vividas em outros lugares. A mescla dessas duas categorias de narradores abriu espaço para uma nova perspectiva na apreensão da realidade, pois desse encontro surgiu um narrador que detinha o saber, não só do conjunto de tradições de sua terra, mas também de

¹ Mestranda em Teoria da Literatura pela UFJF.

múltiplos saberes adquiridos em sua vivência e convivência com outros. A fusão permitiu a interpenetração de saberes.

No entanto, Benjamin ressalta alguns fatos comprometedores dessa produção de saberes. O advento da imprensa estimulou a urgência da notícia verificável, totalmente oposta à narrativa que se fiava no miraculoso, sendo este entendido como o fato de ouvir algo e não questionar a sua veracidade. Antigamente, os relatos extraordinários, trazidos pelos marinheiros de terras longínquas, eram plenamente aceitáveis e a crença nas estórias contadas dispensava a necessidade provas.

Outro item que comprometeu a produção de saberes foi a dessacralização do momento que precede a morte, uma vez que os moribundos passaram a ser levados para instituições higiênicas e privados da companhia de parentes e amigos para quem pudesse contar, em retrospectiva, a totalidade de sua vida.

Na abordagem feita por Benjamin, aparece ainda as alterações na administração do tempo e o trabalho mecanizado como fatores comprometedores da produção de saberes, isto porque, as pessoas já não ficavam longas horas e sucessivos dias e meses produzindo artesanalmente seus objetos e, conseqüentemente, já não ficavam conversando enquanto realizavam essa lenta produção. Benjamin, citando como exemplar as palavras de Paul Valéry comenta “ já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”. (p.206).

A abreviação do tempo contribuiu para uma série de reflexões do filósofo a respeito de outras formas de produção, por exemplo, o advento da short-story, narrativa escrita e condensada que se emancipou da tradição oral, justamente, por não exigir a sobreposição lenta e gradual de camadas narrativas formadas a partir do hábito de sentar, conversar, ouvir, refletir e finalmente sentir-se motivado a contar (p.206).

O tempo, também, levou o olhar do filósofo a mirar o cronista, ao qual chamou de “narrador da história” devido a sua capacidade de narrar fragmentos da história a partir de um amplo espectro(p.209). Segundo Benjamin, ao cronista é permitido citar exemplos múltiplos, sem explicá-los detalhadamente, para contar o desenvolver do tempo histórico - síntese não permitida ao historiador.

Ao focalizar os textos épicos, e seu desenrolar ao longo dos tempos, Benjamin discorre sobre o caráter híbrido destes, afirmando que as epopéias já traziam em si, não só a narrativa e o embrião do romance, mas também partes líricas e de certa forma historiográficas.

Para finalizar, Benjamin volta ao tempo do ‘era uma vez’ , isto é , ao conto de fadas. A reflexão proposta por ele sugere que tal narrativa libertava o homem do pesadelo mítico, já que o ensinava, desde criança, através dos personagens arquetípicos, como os animais sábios, que é mais aconselhável enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância, dialetizando a coragem(p.215).

Assim, constatamos pela leitura do texto que o destino do narrador, profetizado por Benjamin, assumiu, na atualidade, duplo caminho. Por um lado, a arte de narrar, antes tão natural e nascida da experiência diária do artesão da linguagem, parece ter-se tornado bastante problemática. O que decorria de uma prática imitativa, lenta e gradual, tornou-se uma ‘disciplina para ensinar a contar estórias’ - fator que retirou a narrativa do âmbito da espontaneidade.

Por outro lado, se pensarmos o ato de narrar, aliado às “novas formas de produção”, veremos a possibilidade de recriação literária e sobrevivência de um narrador-camaleão que se faz mensageiro de contextos e realidades vividos e universalizados. O adaptar-se ao meio, pode permitir que o episódio narrado atinja uma amplitude que transborde o tempo e o espaço da narrativa. Esse transbordamento foi alcançado por Nikolai Leskov, a quem Walter Benjamin considerou um narrador exemplar.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas II . Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.